

# CONEXÃO DE ORAÇÕES EM LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO

Jair Barbosa da Silva  
Universidade Federal de Alagoas

João Paulo Ampessan  
Universidade Federal de Santa Catarina

## Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras), goza de um número relativamente elevado de estudos descritivos quando se trata da organização sintática da oração simples (Felipe, 1989; Ferreira-Brito, 1995; Quadros e Karnopp, 2004), no entanto, quando se parte para a descrição da conexão entre orações na Libras, os estudos linguísticos e pesquisas ainda se mostram absolutamente carentes. Esta realidade também é observada para Língua Gestual Portuguesa (LGP) por Martins e Mota (2016), língua para a qual existe pouca descrição dos mecanismos estruturais/funcionais das conexões de orações, segundo as autoras. Como se dão as conexões de orações na Libras? Que mecanismos os usuários se utilizam para fazer coordenação de orações do tipo [oração1 e oração2]? Ou seriam casos de parataxe? Inquietados por essas questões e pela própria ausência de estudos nesta área, resolvemos fazer um estudo piloto sobre a conexão de orações na Libras, a fim de, posteriormente, analisar o fenômeno em narrativas espontâneas. Para efeito desta pesquisa, o foco será em orações do tipo [oração1 e oração2], já que nesta língua essas construções, diferentemente das adversativas, condicionais e causais, podem aparecer com marcação não manual ou lexicalmente marcadas.

## O estudo: aspectos teóricos

Com o advento dos cursos de Letras-Libras, a partir de 2006, no Brasil, a Libras passa a ter espaço privilegiado nas pesquisas voltadas para a descrição e análise linguística no País, embora isso ainda tenha sido feito de modo bastante embrionário, sobretudo, quando se trata de orações complexas. No geral, no âmbito do Ensino Superior, a língua ganha espaço de discussão e estudos, sobretudo, no cursos de Letras-Libras, na disciplina de Sintaxe, mas com grande escassez de material teórico justamente pela necessidade de pesquisas na área, que ainda se apresenta em fase ainda muito inicial no país.

Como dito, as investigações que há até então têm voltado seu olhar para a oração simples. Importante frisar o quanto isso é compreensível por dois motivos principais: 1) apenas nos últimos 10 / 15 anos a Libras passa a gozar de estudos voltados para a Sintaxe nas Universidades em função dos cursos de Letras-Libras; b) a ausência de recursos tecnológicos, de alguma forma, contribuiu para o atraso em relação às investigações envolvendo orações complexas da Libras. Com o surgimento das câmeras em alta definição (e uma boa gravação para efeito de análise linguística de línguas de sinais as imagens devem ser captadas com câmeras de pelo menos 24 megapixels de qualidade, o que permite tratar e manipular<sup>1</sup> os

---

<sup>1</sup> Entenda-se como o ato de colocar os vídeos em baixa velocidade, em programa específico (ELAN), para se

dados sem perder informações gramaticais (fonéticas, fonológicas e morfosintáticas, além das de ordem suprasegmental).

No entanto, com os avanços das pesquisas na área de Libras, as orações complexas passam a ser questionadas quanto a seu modo de estruturação nas línguas de sinais como um todo, e na Libras particular. Dada modalidade dessas línguas, certamente há um *modus operandi*, ou melhor, um *modus sintático*, bastante diverso do que ocorrem em línguas orais no que concerne à conexão de orações. Elementos chamados de não manuais (Quadros e Karnopp, 2004), como pisca de olhos, arqueamento de sobrancelhas, rotação de tronco, inflar de bochecha, dentre outros, parecem fazer parte de uma série de elementos linguísticos das línguas de sinais, cuja função carece de descrições mais elaboradas e termos linguísticos, e que só podem ser melhor visualizados por meio de recursos tecnológicos específicos para, assim, se poder empreender a que servem tais elementos no momento da produção das chamadas orações complexas.

Partindo de uma visão funcionalista da linguagem, em que esta é concebida “como um instrumento de comunicação e de interação social e o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real, o que significa não admitir separações entre sistema e uso” (PEZATTI, 2006), esta pesquisa tem por objetivos: a) descrever as orações complexas do tipo <X' e X" > (paratáticas, aquelas estruturadas pelo encadeamento de duas sentenças simples que demarcam um evento enunciativo seguido de outro, em que o segundo é semanticamente dependente do primeiro) na Libras; e b) compreender os mecanismos gramaticais e discursivos concernentes a esse tipo de oração na Libras. Em línguas orais, a coordenação de orações se apresenta basicamente de dois modos: com a presença de conjunção (coordenada sindética, em termos tradicionais) e sem a presença de conjunção (coordenada assindética), Bechara (2009), já em línguas de sinais parece haver outros mecanismos para conectar orações, de modo que nem sempre a lexicalização de um conectivo se faz presente no momento de conectar orações.

De acordo com Tang e Lau (2012) *apud* Lehmann (1988), em todas as línguas naturais, orações menores podem ser combinadas de modo a formarem sentenças complexas. Ainda segundo os autores, as categorias de combinação sentenças complexas mais frequentes são a coordenação e a subordinação, sendo que na subordinação há uma dependência gramatical e na coordenação há relações de outra natureza. Para Haspelmath (2004), a dificuldade que se encontra em distinguir coordenação de subordinação ocorre nos casos em que dois constituintes oracionais são semanticamente coordenados, mas sintaticamente subordinados um ao outro, ou vice versa. Como se pode observar, as relações entre orações não são algo exatamente simples (o estudo de Lehmann (1988) é sobre línguas orais), nem mesmo para os casos de línguas orais, cuja tradição de estudos já fizeram um longo percurso histórico. Tang e Lau (Op. Cit.) afirmam que essa complexidade é ainda mais acentuada quando se trata de ‘younger languages’ e sugerem que a fronteira entre coordenação subordinação nas línguas de sinais são muito tênues e carecem de estudos mais apurados.

Estudos como o de Hopper e Traugott (1993) vão além dessa classificação tradicional (coordenação e subordinação) quando propõem os seguintes parâmetros: a) a *parataxe*

caracteriza-se por uma independência relativa, em que o elo depende somente de que a relação faça sentido e tenha relevância, mas não há encaixamento; b) na *hipotaxe* tem-se uma interdependência entre núcleo e margem, mas também não há encaixamento; c) na *subordinação* há uma dependência completa entre núcleo e margem, há, portanto, o encaixamento.

<b>PARATAXE</b>	<b>HIPOTAXE</b>	<b>SUBORDINAÇÃO</b>
- dependente	+dependente	+dependente
-encaixada	- encaixada	+ encaixada

**Figura 1:** Relação de dependência e encaixamento. (HOPPER & TRAUGOTT, 1993:170).

Assim, o que em Português, por exemplo, costuma-se enquadrar sob o rótulo de orações coordenadas, parece ser mais pertinente classificar como casos de parataxe, uma vez que, embora não haja encaixamento, há dependência semântica, realidade estrutural que se apresenta bastante produtiva na Libras, como se verá adiante.

### **O estudo: aspectos metodológicos**

Trata-se de um estudo piloto em que foram escritas cinco orações complexas em Português e, em seguida, pediu-se a dez surdos adultos fluentes em Libras para passá-las para esta língua, de maneira espontânea.

- (1) João encontrou Maria e foi ao cinema com ela.
- (2) João comeu o bolo e foi dormir.
- (3) João pegou a mochila e foi à escola.
- (4) João cortou o cabelo e foi ao shopping.
- (5) João joga vôlei pela manhã e estuda à tarde.

### **Perfil dos informantes**

Os informantes foram divididos em dois grupos, cada um dos quais com cinco sujeitos. O Grupo 1 é formado por cinco alunos surdos, fluentes em Libras, todos bilíngues, alunos do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas. Nenhum deles tem outro curso superior, sendo, portanto, o Letras-Libras sua primeira graduação. São três do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade entre 22 e 30 anos. O Grupo 2 é formado por um sujeito do sexo masculino e quatro do sexo feminino, sendo todos professores de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, surdos, fluentes em Libras. Duas das informantes são doutoras e os outros três mestres, com idade entre 30 e 40 anos. Um fator importante a se destacar sobre os informantes da UFSC é que todos têm intimidade com o fato de gravar vídeos em Libras, em função de serem docentes e de estarem inseridos numa universidade que há muito possui um curso de Letras-Libras com vasta produção por meio de vídeos.

### **Dos procedimentos éticos**

Os sujeitos surdos, em conformidade com os procedimentos éticos exigidos no Brasil, assinaram termo de consentimento livre e esclarecido e, em seguida sinalizaram as cinco

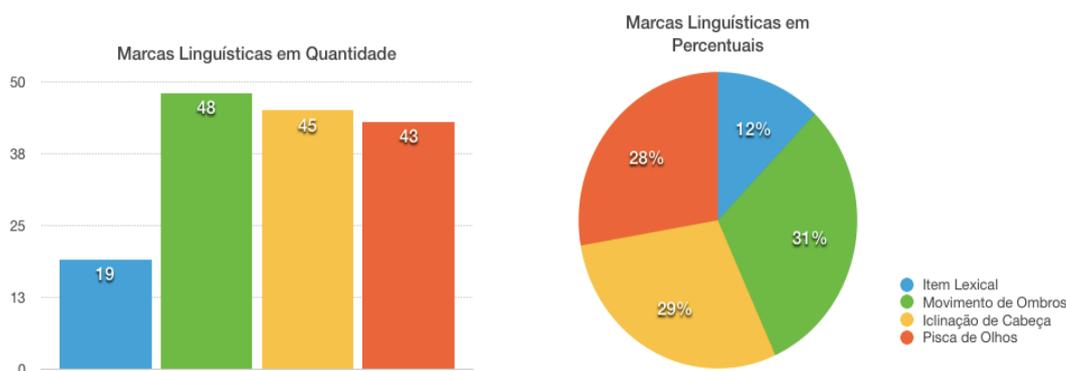
orações, totalizando 50 orações complexas em Libras, as quais foram registradas em vídeo e transcritas com uso do ELAN em glosas, inicialmente. Em seguida, foram criadas duas trilhas para registro dos mecanismos de conexão entre orações e marcação do tempo, respectivamente.

### Dos resultados preliminares

Em síntese, observou-se: a estruturação das orações complexas paratáticas em Libras é distinta do Português: há tendência a se fazer construções do tipo tópico-comentário; depois, as tradicionais conjunções aditivas nem sempre são marcadas na língua, havendo em seu lugar movimentos cadenciados de cabeça e de tronco com função gramatical de articular orações. Aí reside um grande desafio para as descrições gramaticais das línguas de sinais, pois há grande número de informações gramaticais que são veiculadas por meio das Expressões Não Manuais (ENM).

A seguir, quadro-síntese dos achados nos dados em termos quantitativos e percentuais, levando-se em consideração: a presença de itens lexicais entre uma oração e outra, a rotação de tronco (no quadro, movimento de ombro), inclinação de cabeça (para cima ou para os lados) e pisca de olhos.

#### 1. Quadro-síntese das marcas entre orações complexas da Libras



Fonte: os autores

Este estudo piloto permitiu a percepção de importantes elementos concernentes à conexão de oração na Libras, a saber: a) Diversos enunciados são ligados pela forma PRONTO ou DEPOIS que aparecem com valor durativo (?), ou seja, esses elementos, mais que função sintática de conectar orações, parecem exercer um importante papel semântico de aspecto<sup>2</sup>; b) Embora os enunciados como (4) tenham sido escritos com “e” em Português, ao serem passados para Libras, foram expressos justapostos ou com o marcador PRONTO, o que parece ser influenciado pelo tipo de verbo escolhido. Assim, o cruzamento entre o tipo de verbo e o tipo de conexão entre orações necessita ser realizado; c) Arqueamento de sobranças marcando o início de cada oração; d) Tendência à topicalização, que pode

<sup>2</sup> Não estamos exatamente certos disso, portanto, este é um ponto que merece ser estudado a fundo posteriormente.

ocorrer em X' ou em X''; d) Marcação de cada oração por meio de rotação de tronco para as justapostas e para as ligadas por conectivo (?); e) A rotação de obro é usada para delimitar as orações; f) Inclinação de cabeça (para cima e para baixo) é usada também como marca adicional para início de uma oração e término de outra; g) Pisca de olhos é usado para delimitar fronteira de orações.

## Discussão

A descrição do modo como as orações se conectam em Libras (coordenação/subordinação **ou** parataxe/hipotaxe/subordinação) ainda carece de descrições sistematizadas e aprofundadas. De modo análogo ao que ocorre em outras LS (Willbur (1994); Herrmann (2010); Sze (2008); Tang et al (2010); Sandler (1999)), na Libras marcas lexicais e marcas não manuais aparecem de modo associado para delimitar fronteira de enunciados, o que parece ser prototípico da modalidade dessas línguas. A confluência entre aspectos sintático-semânticos e prosódicos é bastante produtiva no que se está chamando aqui de conexão de orações na Libras, por esse motivo há de haver maior controle entre o tipo de verbo a ser observado na conexão (não foi nosso propósito aqui, mas uma percepção quando da análise dos dados) e os mecanismos usados pelos sinalizantes para articular as orações. Estudos acerca da interface sintaxe/semântica/prosódia fazem-se necessários para melhor descrever e compreender a estrutura da Libras.

Dada a modalidade da Libras, parece ser mais adequado tratá-la nos termos de Hopper e Traugott (1993) - parataxe/hipotaxe/subordinação, do que em termos tradicionais - coordenação/ subordinação. Outros aspecto importante que os dados nos mostram é que marcas lexicais e marcas não manuais precisam ser cruzadas a fim de se verificar como se comportam no sistema linguístico da Libras.

Por fim, algumas considerações sobre os recursos metodológicos que foram utilizados: em primeiro lugar, destaca-se que o modo como foi feito o experimento, necessariamente, passou por tradução do Português para a Libras. Embora isso tenha sido feito pelos próprios informantes, reconhece-se que pode haver problemas e perda da naturalidade de como a língua (Libras) se manifesta numa situação em que não há atravessamentos prototípicos da tradução. Veja-se abaixo nas figuras de 1 a 14:



Glosa: JOÃO CORTAR CABELO, PRONTO, IR SHOPPING.  
Port.: (1) João cortou o cabelo e foi ao shopping.

Fig. 1 - Informante da UFSC – Efeitos de tradução



Glosa: JOÃO CORTAR CABELO, PRONTO, IR SHOPPING.  
Port.: (1) João cortou o cabelo e foi ao shopping.

Fig. 2 - Informante da UFSC – Efeitos de tradução



Glosa: HOMEM, JOÃO, CORTAR CABELO, IR SHOPPING.  
Port.: (1) João cortou o cabelo e foi ao shopping.

Fig. 3 - Informante da UFAL – Efeitos de tradução



Glosa: JOÃO SENTAR, CORTAR CABELO, PRONTO, IR SHOPPING.  
Port.: (1) João cortou o cabelo e foi ao shopping.

Fig. 4 - Informante da UFAL – Efeitos de tradução

É da própria natureza da tradução a diversidade de compreensão daquilo que é lido/traduzido. Aqui não se está discutindo o valor da tradução, tampouco a proximidade das sentenças em Libras, traduzidas do Português. O que se quer mostrar, em verdade, é que descrever a língua, qualquer se seja ela, a partir de dados que passam por processos de tradução, inevitavelmente, correm-se riscos de se descrever o que a língua traduzida não é, por isso a relevância de elaboração de corpus de Libras metodologicamente consistentes para se proceder a descrições com menos atravessamentos de fatores externos à língua.

Os informantes de Grupo 2, professores da UFSC, no geral, dispõem de mais intimidade com o ato de gravar, de traduzir vídeos, conseqüentemente, dados mais espontâneos podem ter sido por eles produzidos do que os dos informantes da UFAL, por um lado; por outro, como se pode ver nas figuras acima, os dados sinalizados pelas informantes da UFSC são muito mais próximos da estrutura sintática do Português do que os que fora sinalizados pelas informantes da UFAL. Diversos fatores perpassam qualquer metodologia que tenha como foco uma língua de modalidade visuogestual, como a Libras, o que impõe aos pesquisadores linguistas mais rigor quanto à metodologia de recolha de dados, bem como a transcrição, a qual coloca, a todo tempo, o pesquisador diante de questionamentos fundamentais à Linguística. Por exemplo, definir determinadas unidades numa língua de sinais, a exemplo de frase, oração, palavra (ou sinal?), coordenação, subordinação são, e serão por um bom tempo, tarefas caras aos linguistas que se debruçam sobre estas línguas.

Finalmente, mas não menos importante, são dois elementos: a) medo de avaliação pelos informantes; e b) interferências das gravações (estúdio, iluminação, tripés, pessoas tomando imagens etc.). Estes são fatores há muito apontados pelos sociolinguistas (LABOV, 1972) como sendo necessários, contudo, interferentes na naturalidade com que os dados são produzidos. Ainda assim, no entanto, pode-se afirmar a importância de estudos controlados para áreas tão carentes de pesquisas como é o caso em tela: conexão de orações em Libras. Obviamente, tem-se a compreensão de que outros estudos sobre o assunto deverão ser empreendidos tomando-se como referência dados mais naturais, aqueles retirados de *corpora* de Libras, justamente a próxima etapa dessa pesquisa, em que serão usadas narrativas retiradas, respectivamente, do Corpus de Libras da Grande Florianópolis e do Corpus de Libras da Grande Maceió<sup>3</sup>.

### **Considerações finais**

Este estudo piloto aqui apresentado nos coloca diante do necessário desafio de se descrever as línguas de sinais e a Libras em particular. O Brasil, por meio de políticas públicas, ganhou vinte e sete cursos de Letras-Libras pelo país, o que é, indubitavelmente, essencial para o desenvolvimento e difusão da língua, mas o conhecimento desta língua em termos de estrutura e funcionamento ainda é precário, o que demanda da Linguística, ou melhor, dos linguistas, pesquisas aprofundadas e consistentes. Para isso, faz-se necessário usar de recursos metodológicos adequados para coleta de dados, por um lado; por outro, conhecer a ciência Linguística a fim de que esta Língua possa ser descrita sob bases teóricas sólidas e com o

---

<sup>3</sup> <http://www.corpuslibras.ufsc.br>

mínimo de interferências de cunho metodológico ou da língua de contato majoritária do País, o Português.

Claro que se entende que quaisquer línguas em contato se interinfluenciam no seu uso, mas não é disso que se está falando, mas do uso de metodologias em que falsei dados da Libras em função de influências oriundas na experiência do pesquisador com a língua oral (em certa medida, aqui há uma autocrítica a pelo menos um dos autores do texto pelo procedimento usado). Neste sentido, cabe destacar a importância da pessoa surda pesquisando a Libras, desde que conheça linguística. Em muitos aspectos, os dados que são coletados por metodologias em que há atravessamentos, sobretudo, os do Português (sua gramática), o pesquisador surdo consegue enxergá-los de modo mais perspicaz, sugerido seu descarte e tornando, portanto, a descrição da língua mais segura, consistente, de modo a evitar que descrições não compatíveis com a estrutura da língua sejam feitas e tomadas como se fossem da Libras sem sê-las.

Embora com alguns (poucos) atravessamentos, esta pesquisa nos serviu para seguirmos adiante de modo mais criterioso, quando das investigações com as narrativas, nossa próxima etapa.

## Referências

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009
- CAMACHO, R.G. Estruturas Coordenadas Aditivas. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- CASTILHO, A.T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. S. Paulo: Contexto, 2010.
- FELIPE, T.A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma Gramática das Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LA FAUCI, N. Paradoxes de la parataxe. In: BEGUELIN, M. J.; AVANZI, M.; CORMINBOEUF, G. (ed). *La parataxe*. Tome 1: Entre dependence et integration. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010. p. 91-111.
- MARTINS, M. ; MATA, A. I. Conexões interfrásicas manuais e não manuais... *Revista de Estudos Linguísticos da Univerdade do Porto* - Vol. 11 - 2016 - 119-138.
- MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: Mateus, Maria Helena Mira, *et al.* In: *Gramática da Língua Portuguesa*. Coleção Universitária, Série Linguística. Lisboa: Caminho, 2003, p. 549-592.
- NEVES, M. H. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: \_\_\_\_\_. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-269.

- PEZATTI, E. G. ; LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: NEVES, M. H.; ILARI, R. (Org) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 865-932.
- PFAU, R. & QUER, J. Nonmanuals: Their Grammatical and Prosodic Roles. In: Brentari, Diane (Ed.). *Sign Languages*. Cambridge: Cambridge University, 2010, p. 381-402.
- QUADROS, R. M., KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. ArtMed, 2004.
- SANDLER, W. & LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TANG, G; LAU, P. Coordination and Subordination. In: PFAU, R; STEINBACH, M; WOLL, B. *Sign Language: an international Handbook*. De Gruyter Mouton, 2012.
- TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatic of grammaticalization revisited. TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 189-218.